



Estudos Semióticos - número três (2007)

## A intersecção de gêneros discursivos na crônica de Fernando Bonassi

Isabel Gueselha de Almeida CASCELLI (FLCH-USP)

**RESUMO:** O trabalho propõe uma abordagem congregadora entre a Análise do Discurso e a Teoria Semiótica. Assim, far-se-á uma análise interna do plano de conteúdo e de expressão e uma externa que insere o texto num contexto sócio-histórico. Busca-se a intersecção dos gêneros discursivos por meio do plano de expressão e volta-se o olhar para o aquém- e o além-texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** semiótica; gêneros discursivos; análise do discurso; plano de expressão.

**ABSTRACT:** *The contemplated research aims to integrate speech analysis and semiotic theory. Thus, we will perform an internal analysis of the content and expression plan of the text in tandem with an external analysis, which will place the text in a socio-historical context. We will search for common features ('intersections') between different speech systems by comparing the plans of expression and results of internal and external analysis.*

**KEYWORDS:** *semiotics; discourse analysis; discursive genre; plan of expression.*

## 1. Considerações iniciais

O objetivo deste trabalho é o de evidenciar os propósitos do texto, desvelar seus funcionamentos e sua intencionalidade, penetrar nas suas relações e, principalmente, revelar como o plano de expressão juntamente com o plano de conteúdo produz sentido e configura o *ethos* e o estilo.

Com relação à análise, a base teórica é uma tentativa de conjugar os princípios da Teoria Semiótica com a Análise do Discurso de linha francesa e fundamenta-se nas leituras de Fontanille e Zilberberg, Bertrand, Maingueneau, Orlandi, Bakhtin, Authier - Revuz, Fiorin, Barros, Lopes e Hernandes, Discini e Pietroforte.

No trabalho, conceber-se-á o texto como objeto de significação e objeto de comunicação, assim far-se-á a análise interna ou estrutural do texto no plano de conteúdo e de expressão e, também, a análise externa do texto inserido numa época sócio-histórica e determinado por formações ideológicas evidenciadas pelas formações discursivas nele materializadas.

No que tange à semiótica, a análise centrar-se-á nas estruturas discursivas e quando necessário mencionaremos as estruturas narrativas e fundamentais. Proporemos uma aproximação de dois gêneros discursivos, ou seja, a poesia e a crônica jornalística. Essa aproximação materializar-se-á por meio da evidência de intersecção dos dois gêneros no que concerne ao plano de expressão. No trabalho, dar-se-á também de forma tímida um primeiro passo na semiótica tensiva.

O *corpus* escolhido é um texto jornalístico, e como tal pretende-se objetivo, assim a enunciação afasta-se do discurso. Esse distanciamento é provocado por mecanismos textuais embora se saiba que o recorte sempre é subjetivo e as escolhas são determinadas para compor o *ethos* do enunciador cujo estilo está impregnado na ideologia materializada por meio do discurso. A análise é uma tentativa de revelar esses mecanismos funcionais que no texto estabelecem relações.

## 2. Pressupostos teóricos

Esclarece-se que nessa análise enfocaremos apenas os aspectos da gramática discursiva e seus componentes, sendo que as gramáticas fundamental e narrativa serão apenas mencionadas quando servirem de suporte para entendimento. Tem-se que a análise discursiva, embora opere sobre os mesmos elementos da análise narrativa, retoma aspectos importantes como a projeção da enunciação no enunciado e recursos de manipulação utilizados pelo enunciador para persuadir o enunciatário. Assim, a enunciação será tida como instância de mediação da discursivização e o enunciado como o estado que dela resulta. Portanto, ao concebermos a enunciação como uma instância constitutiva do enunciado, ela representará a instância lingüística pela própria existência do enunciado que traz marcas e traços da enunciação.

### 2.1 Plano de expressão

Ressalta-se ainda que a semiótica tem se debruçado nos últimos anos à investigação de objetos-texto de cunho estético variado e a partir disso o olhar do

analista tem se voltado a questões concernentes não só ao plano de conteúdo como também a sua ligação ao plano de expressão. Segundo Lopes, *Ao lidar com o estético em qualquer de suas manifestantes, somos forçados a desacelerar nossa atenção para com o plano da expressão, contrariamente ao que costumamos fazer na comunicação corriqueira e utilitária do dia-a-dia.* (2003:67)

Tem-se então que o texto é constituído por uma relação entre dois planos, ou seja, o plano de conteúdo que se refere ao significado do texto e o plano de expressão que se refere à manifestação desse conteúdo, ou seja, o significante. Essa relação que existe entre esses planos passa a ser estudada na teoria dos sistemas semi-simbólicos. No semi-simbolismo, tem-se o signo arbitrário motivado pela relação entre os dois planos da linguagem, ou seja, o plano de expressão passa também a fazer sentido e não representa apenas o modo de articulação do plano de conteúdo.

Podemos ainda mencionar alguns dados que refletem sobre a elasticidade do texto que considera dois movimentos contrários, o de expansão e o de condensação.

Outras relações abstratas existem em profundidade e sustentam as relações de significação. Essas são distribuídas em zonas de intersecção de duas coordenadas, a da extensidade (formas) e da intensidade (forças). Segundo Lopes,

A extensidade mostra-se na tensão contínua entre o uno e o múltiplo e nas relações parte-todo, dentro do mundo dos objetos. Quanto à intensidade, o que varia é a medida, seja da tonicidade - numa linha que vai do mais lento ao mais rápido. Intensidade e extensidade não se concebem uma sem a outra; toda variação aqui repercute necessariamente lá. (2005:206)

## 2.2 O Primado do interdiscurso

Quanto à relação entre discurso e interdiscurso, não devemos considerar o discurso como algo isolado e nem como aquele que explicita as individuações de grupos diferenciados, devemos privilegiar a relação do discurso e interdiscurso como lugar de contradição que faz da sua própria individuação um processo contraditório. Com relação à enunciação, se tomarmos o texto como objeto de estudo empírico, tem-se começo, meio e fim, porém, se considerarmos o discurso, reinstala-se sua incompletude. Assim, na perspectiva do discurso, o texto não é uma unidade fechada, por ter relação com outros textos existentes, possíveis ou imaginários, com suas condições de produção, os sujeitos e as situações e com o que chamamos sua exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso: a memória do dizer.

Segundo Maingueneau (2001), um texto não representa um conjunto de signos inertes, porém um rastro deixado por um discurso no qual a fala é encenada, o autor refere-se à maneira pela qual o discurso constrói uma representação da situação da enunciação. Destaca-se ainda com relação às cenas que há uma tríplice interpelação; desse modo, pode-se distinguir: a *cena englobante*, a *cena genérica* e, por fim, a *cenografia* que representa a enunciação. O leitor não se confronta diretamente com um quadro cênico, resultante da cena englobante e genérica, pois o quadro se desloca para segundo plano, aparecendo em primeiro plano a cena de enunciação que legitima todo discurso. A cenografia legitima um enunciado por meio do próprio enunciado.

A Análise do Discurso formula instâncias de enunciação em termos de “lugares”, enfatizando a preexistência da topografia social na qual os falantes se inscrevem. Esse sistema de lugares é crucial a partir do momento em que se raciocina, apoiando-se nas formações discursivas que representam o lugar, segundo Foucault (2004), onde o indivíduo pode se inscrever para se tornar sujeito.

Toda enunciação implica um enunciador que assume uma posição e incorpora comportamentos evidenciados no próprio texto. A posição e os comportamentos são incorporados por meio de um fazer enunciativo que se chama *ethos*. O universo de sentido propiciado pelo *ethos* se apresenta por meio de uma maneira de dizer que evidencia o modo de ser. O *ethos* é criado a partir do estilo que é o conjunto de características de conteúdo e de expressão apreendidas do texto. Segundo Discini (2004), o estilo é o diferente, o que sobressai, é o homem que se revela pelo seu modo de tecer o texto.

### 3. Construindo relações

A crônica de Fernando Bonassi escolhida é intitulada *Aquilo que a ética pode ser*. Esse texto enuncia o tempo inteiro uma tentativa de definir ética a partir de parágrafos que jogam com verbos, tais como: *é, não é, pode ser, pode estar* e assim o tempo todo relativiza o conceito. Quanto à estrutura narrativa, pois é por meio do fazer do homem que as ações podem ser analisadas, constata-se que, na crônica, todo o percurso narrativo gira em torno de uma tentativa do enunciador de definir a Ética por meio de uma descrição de situações e existe um não-sujeito anunciado que é o destinatador: os leitores, o povo, talvez, o único capaz de mudar esse estado de coisas.

Essa intencionalidade narrativa, na qual os valores axiológicos virtuais convertem-se em valores ideológicos que passam a ser valores assumidos por um sujeito e procuram explicar o *querer* do sujeito que está em disjunção com a noção de ética e quer ficar em conjunção tentando defini-la, entendendo-a. O próprio título já enuncia a situação inicial quando menciona “*aquilo*” como o conceito longínquo “*que a ética pode ser*”. O pronome “*aquilo*” evidencia a distância em que está esse conceito e a intenção de defini-lo de forma não categórica e sim relativa, pois usa a locução verbal “*pode ser*”.

O sujeito é definido pelo *dever* e pelo *querer-fazer*, pelo *saber* e o *poder-fazer* e é um sujeito atualizado ou competente e só o *fazer* o tornará realizado. Esse *poder-fazer* e esse *saber-fazer* surgem na sintaxe discursiva por meio de um discurso produzido em terceira pessoa, no tempo do “*então*” e no espaço do “*lá*”. Com o uso da debragem enuncia, procura-se por meio da terceira pessoa criar um efeito de objetividade. Assim, tem-se a impressão de que o próprio fato narrasse por si e de que há uma verdade objetiva.

Quanto à enunciação, o enunciado é enunciado por apagar as marcas de enunciação, não há um actante, porém há narratividade por ser uma enunciação persuasiva de manipulação. Tem-se então que no texto jornalístico, a enunciação é pressuposta e essa se realiza em 3ª pessoa, assim o texto causa efeito de objetividade.

No nível discursivo, várias linhas temático-figurativas se estabelecem, a começar pelo título que nos remete a “*Aquilo que a ética pode ser*” condição já

relativizada pelo fato de não **ser** e sim **poder ser**. Quando no título aparece o pronome demonstrativo, já há um indício de que aqui entre nós não há um conceito definido da ética portanto cria-se um distanciamento entre a enunciação e o enunciado.

No texto, as coerções ideológicas são apresentadas por meio de vários temas que denunciam as diferentes formações ideológicas que manipulam o conceito de ética a partir de interesses. Algumas das leituras suscitadas pelo dialogismo presente nas várias formações ideológicas estão impregnadas no texto por meio das formações discursivas. Dentre essas leituras, podemos destacar: a leitura filosófica, a do discurso fundador, a relacionada aos poderes da contravenção, a inversão dos valores, a ligada a interesses profissionais, a relacionada à ética midiática, a relacionada à relação fundamental entre ética e sistema educacional. Todas essas leituras, suscitadas pelo texto, revelam as variadas formações ideológicas materializadas pelas formações discursivas. Fica latente que o discurso é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode se inscrever por ser um espaço conflitual e heterogêneo. Os conflitos instalados nos textos são de ordem social. Nessas leituras apresentadas são mencionados exemplos que relatam a tentativa de definir, de entender o conceito por meio de situações descritas e que são tidas como éticas no nosso país. À medida que as situações são apresentadas, o conceito se esvazia, confunde-se a noção por não se ter um parâmetro moral norteador da definição. O enunciador traz vários discursos que dialogam e ainda apresenta situações que nos embaraçam com relação ao conceito da ética, situações essas que nos mostram o valor do **parecer** em detrimento do **ser** em nossa sociedade. As situações apresentadas como temas na semântica discursiva parecem bem familiares por serem relatadas em detalhes, dando-nos a impressão de grande consciência na intencionalidade do enunciador que descreve essas situações de forma irônica. A ironia se apresenta não só por meio da heterogeneidade constitutiva, como também por meio de polifonia discursiva quando descreve ações de grupos ideológicos com os quais não compactua.

A enunciação enuncia provoca um efeito de objetividade, o sujeito do enunciado é tido como um locutor, permanecendo distanciado da enunciação, porém os detalhes, a ironia e a indignação apontada por essas leituras, evidenciam o enunciador. Destaca-se um parágrafo em que o enunciador se dirige aos leitores desmistificando não só a objetividade do próprio texto, como também, o próprio discurso da imprensa “Não se iludam leitores desta edição: a ética pode ser um papel passado no cartório ou usado no mictório da redação. É que a ética de um jornal estaria no editorial, mas freqüentemente se confunde mal com a propaganda de anúncios espetaculares”.

Com relação à espacialização, o enunciado indica um lugar de “lá”. Esse recurso afasta o enunciado da enunciação, indica indefinição e cria o simulacro. O ponto de referência assim é enuncivo. Embora o ponto de referência seja enuncivo, a descrição é tão detalhada e o uso de substantivos (figurativização) e adjetivos mostram que o enunciado está bem próximo da enunciação, ou que a enunciação está viva e presente no enunciado com suas marcas.

Com referência ao tempo, ele é enunciativo, é o tempo presente, ou seja, da enunciação. O tempo da enunciação e do enunciado é concomitante, é o tempo do agora. A debragem temporal é enunciativa. O presente é omnitemporal ou gnômico quando o momento de referência é ilimitado e coincide com o do acontecimento.

Além dos aspectos suscitados pela sintaxe discursiva, o enunciador estabelece uma relação de manipulação com o destinador, assim, o enunciador quer fazer crer pelo discursivo persuasivo que a noção de ética é relativa, principalmente, no país em que ela é inexistente, ou melhor, define-se de acordo com conveniências. O fazer manipulador não só se realiza no e pelo discurso, como um fazer persuasivo, também está presente em todo interdiscurso representado pela heterogeneidade constituída, ou seja, o interdiscurso engloba todos os discursos provenientes das formações ideológicas aqui instaladas desde a época do “descobrimento”.

A partir desse entendimento, chegamos ao nível das estruturas fundamentais que na crônica são as categorias semânticas: *continuidade vs. ruptura*.

O texto todo descreve em minúcias a falta de ética ou a ética oportunista e transgressora instalada no país e a tentativa de pregar o seu Outro, a ética. Enfatiza-se que toda essa manipulação só é possível se considerarmos o contrato veridictório que determina o estatuto verdadeiro do discurso. A verdade ou falsidade está ligada não só ao que é expresso, mas ao tipo de discurso e ao tipo de cultura em que o discurso é proferido. Pressupõe-se que o enunciador propõe um contrato ao enunciatário que considera o discurso como verdadeiro e que esse reconhecimento como tal depende de uma série de contratos anteriores ligados à cultura, a uma formação ideológica comuns a eles. No caso jornalístico, pressupõe que o leitor de determinado jornal e determinada coluna, crônica, já possui uma série de contratos anteriores de veridicção.

Com relação às cenas, há uma tríplice interpelação da cena da enunciação; desse modo, pode-se distinguir: a *cena englobante* que se refere ao tipo de discurso, no caso, o jornalístico; a *cena genérica* que constitui o gênero de discurso utilizado - uma crônica - e, por fim, a *cenografia* que representa a enunciação. A cenografia é representada pela constituição do *ethos* que incorpora na maneira de dizer o modo de ser. A figura do enunciador, o fiador e a figura do co-enunciador são associados a uma cronografia que no *corpus* é o tempo presente e a uma topografia que é o nosso país. Lugar que é determinado no primeiro parágrafo pelo pronome possessivo “de nosso atraso”. O *ethos* dito é o beligerante, aquele que tem consciência da relativização do conceito da palavra ética e da percepção de que aqui e no presente, no nosso país, a ética se desvirtuou e é vagabunda. A denúncia é produzida por meio de uma tentativa de descrição longa e acelerada que revela o quanto a persegue e a deseja.

Como cita Maingueneau (2005: 91), *Por sua própria maneira de se enunciar, o discurso mostra uma regulação eufórica do sujeito que o sustenta e do leitor que ele pretende ter*. O sujeito constrói semanticamente sua espessura ao longo do discurso, esse constructo evidencia seu *ethos* e constrói seu estilo.

Segundo Bertrand (2000:82), *Sua identidade resulta do conjunto das informações e das determinações de toda ordem que lhe dizem respeito no texto*. No texto, o enunciador, por meio de um paralelismo contínuo entre parágrafos que jogam com o verbo “é” e “pode ser”, revela como o conceito é frouxo e está a serviço de interesses, essa denúncia chega até à cena englobante que produz o próprio discurso, que é a denúncia. O modo como o sujeito habita o mundo, as suas posições diante de uma realidade, materializam-se no seu modo de dizer que é o *ethos* e esse constrói o estilo que é o seu modo de habitar o mundo.

Com relação à análise do plano da expressão, estabelecer-se-ão alguns parâmetros para elaboração de uma análise na qual o plano de expressão esteja amalgamado ao plano de conteúdo para desnudar os sentidos produzidos pelo texto e evidenciar que há um semi-simbolismo presente na crônica de Fernando Bonassi. Assim, evidenciar-se-á que esse gênero discursivo estabelece uma intersecção com o gênero discursivo poesia por trabalhar coerções próprias desse gênero, tais como: rimas, paralelismo, trocadilhos, sonoridade e um trabalho intenso no plano de expressão.

Com relação à análise de cada parágrafo, esclarece-se que embora essa tenha sido elaborada de forma exaustiva, nesse artigo, evidenciaremos apenas alguns parágrafos nos quais a recorrência de relações é mais significativa.

Tem-se que há em todo texto a repetição da palavra “ética” e quase sempre acompanhada por um verbo que pode afirmar (é), ou relativizar (pode ser) sua noção. Essa repetição nos leva a pensar que o excesso exposto nos revele a desvalorização do conceito da palavra, ou de sua aplicação. Outro aspecto a ser ressaltado é o uso de proparoxítonas para definir a ética, provocando assim na narrativa uma forte sonoridade, musicalidade que fica latente em alguns parágrafos. Há um jogo sonoro não apenas com as sílabas tônicas como também com as rimas finais das palavras proparoxítonas ( p.11, § 2 ): *ética, trágica, patética, peripatética*.

Há um paralelismo sintático: *Há uma ética para bandidos, que é tática e outra para mocinhos, que é estratégica* ( p. 11, § 4). A correlação sintática se concretiza nos dois planos (conteúdo e expressão) quando são utilizadas palavras que pertencem ao mesmo campo semântico e possuem a mesma tonicidade e rimam. Evidencia-se uma profusão de proparoxítonas ( p.11, § 8 ); *que adquiriram cargos públicos, poderes lúdicos e imunidades únicas para atividades de privada. Assim a ética pode ser falada, fonética ou retórica...* Nessa frase, há um jogo semântico entre a palavra público e privado que aparece como privada. Essa palavra aparece quebrando uma sonoridade carregada pelo excesso de palavras proparoxítonas. Novamente aparece o jogo de palavras ( p.11, § 9 ): *...pode ser sem dúvida, jamais sem dívida...* Evidencia-se que o jogo entre as palavras se faz sempre nos dois níveis de conteúdo e de expressão. Como em alguns outros parágrafos, parece haver uma desaceleração que é resultante da ausência de rimas e do abuso da consoante constritiva fricativa [s] ( p.11, § 11 ). A desaceleração faz com os leitores dêem atenção especial ao que é dito. Enfatiza-se que as rimas, as nasalizações, o uso das proparoxítonas aceleram o texto enquanto que a falta desses elementos desaceleram-no. No texto, esse acelerar e desacelerar evidencia a intencionalidade.

Cita “*A ética de um diplomata..comprado com descontos camaradas nas tendas e temporadas de empresários contrabandistas* ( p.11, § 14 ). O excesso de **m** e **s**, o uso da oclusiva nasal nos remete à continuidade e o “s” indicativo de plural reforça o número de envolvidos que fazem uso inadequado do termo ética. A palavra “tenda” nos remete a Cuba onde apenas diplomatas e turistas têm acesso a produtos importados vendidos nas tendas, símbolo de privilégios.

Há um jogo entre “*masoquistas de fachada e um negócio fechado*” (p.11, § 15 ) esse uso de sonoridade de significante que joga com os significados reforçam os sentidos produzidos. No 16º parágrafo, inicia-se com um alerta que desmistifica o seu papel objetivo, assim dirige-se num discurso direto para os leitores. Nesse parágrafo,

elabora rimas entre - papel, editorial, jornal, mal e a junção dessas palavras por meio das rimas remetem-nos a um possível recado sobre sua posição sobre os editoriais. Ainda nesse parágrafo, há uma rima entre cartório e mictório, isso também provoca uma aproximação irônica dessas palavras. Novamente, o jogo entre significado e significante evidencia-se. Constatações, como estas, reforçam a ligação intencional de um plano de expressão com um plano de conteúdo. O parágrafo que usa o verbo “deve é” ( p.11, § 17 ) ( uma clara modalização) é o único em que aparentemente não há dúvidas e até uma certa alegria, há palavras rimadas, tais como: posição, questão, divisão e esse termina com a palavra satisfação. Quase no final do texto ( p.11, § 19 ), enuncia a falta de ética e conclui que os problemas não são de hoje. Percebe-se que nesse parágrafo quase não há rima e a sanção para ela seria a punição, que não rima com nenhuma palavra. Sem rima e na tentativa de definição, chega-se à conclusão com a metáfora final: A ética é vagabunda ( p.11, § 21).

Com relação à semiótica contemporânea, destaca-se que essa tem dado espaço e importância às relações que partem da perspectiva de organização discursiva e que se relacionam com a maior ou menor proximidade da narrativa do centro enunciador. Segundo Lopes (2005), quando é tomada a decisão de se produzir um texto, o enunciador opta por um campo discursivo e conseqüentemente um espaço discursivo com algumas características específicas e é a partir dessa decisão que as relações começam a ser feitas e a produção dos sentidos tem início. Essa decisão, anterior ao texto materializado, implica três características: uma que se refere à cena enunciativa, outra ao campo discursivo e a última destaca as correlações entre extensidade e intensidade.

Na crônica, em questão, como já foi mencionado o “eu” é representado pela terceira pessoa, ou seja, objetivamente por ser um texto jornalístico. Ele é configurado, por meio da análise do *ethos*, como sendo um sujeito beligerante. Aquele que tem consciência da relativização do conceito da palavra ética e da percepção de que aqui, no nosso país, no presente, a ética se desvirtuou.

O tempo é o presente, ou seja, da enunciação. O tempo da enunciação é o tempo do agora. O espaço é construído por meio da identificação do campo discursivo, por meio da identificação das formações discursivas presentes em todo texto. Com relação à extensão do campo discursivo, o texto se relaciona às várias formações discursivas existentes no país por meio de uma tentativa de definição do conceito “ética”. A evidência de interesses de grupos revela as diversas formações discursivas que são contrárias à formação a que pertence o enunciador, que procura respaldo nos leitores e cumplicidade por acreditar que os enunciatários compactuem com ele.

Tratar-se-á por fim da correlação entre extensidade e intensidade no texto materializado. Cabe lembrar que a intensidade é dá ordem do sensível e é a partir da falta e do confronto que se dá o inteligível, ou seja, a narratividade. No texto, a falta é o conceito de ética, é a noção totalmente desvirtuada, é a indignação com o estado de coisas no presente e aqui. Assim, o texto é todo trabalhado na extensidade, que representa o tempo e o espaço, e nas tentativas de conceituação do termo por meio do que a ética representa para as diversas formações sociais e discursivas pertencentes a determinado campo discursivo. Essa extensidade exaustiva e rítmica surge no percurso todo, esse ritmo é quebrado pela falta de rimas e no momento que se instala uma



lentidão confirmada com a palavra “vagabunda”. Essa quebra de ritmo, de rima, de batida faz aflorar a intensidade.

No texto, o sensível é a indignação do autor e representa a intensidade, o aquém texto. O inteligível é a tentativa do autor, por meio de um texto engajado, sua tentativa de materialização. As incursões variadas elaboradas a partir de relações, que esboçaram uma análise estrutural do texto interna e externamente e uma incursão tímida nas correlações entre extensidade e intensidade, constituíram uma tentativa de ir do aquém texto para o além texto.

Desse modo, o desnudamento dos funcionamentos textuais fortemente amalgamados entre o plano de conteúdo e o de expressão do texto de Bonassi contribuiu tanto para o enriquecimento da produção de sentidos como também para a constituição da corporalidade do *ethos* e do estilo do autor. Destacou-se que sempre o sensível controla o inteligível e que o sensível é atravessado pelo social.

#### 4. Considerações finais

A proposta inicial era desvelar os funcionamentos textuais, desvelar os não-ditos e assim revelar as vozes que dialogavam nos textos de Fernando Bonassi e, principalmente, de que forma essas relações estabelecidas produzem sentidos. Além de evidenciar a importância de uma análise da estrutura tanto no plano de conteúdo como no plano de expressão como uma forma mais enriquecedora para compor o *ethos* e evidenciar o estilo. Para tanto, optou-se por conjugar duas teorias, ou seja, a Análise do Discurso de Linha Francesa e a Teoria Semiótica.

Procedeu-se a análise estrutural do texto percorrendo o percurso gerativo, por meio do qual se revelaram as categorias semânticas básicas: ética vs. falta de ética. O levantamento dessa categoria suscitou o sentido da descontinuidade, da ruptura, da diferença e evidenciou a relativização da noção de ética. O texto apresentou uma estereotípia real por meio da descrição de situações correntes e usos corriqueiros da noção de ética em nosso país. A ética apresentada é desnudada de valores morais e a tentativa de definição representa uma reação de indignação do enunciador em relação a esse estado de coisas.

Quanto ao exame das estruturas narrativas, essa nos apresentou a um não-sujeito anunciado que é todo brasileiro, leitor desse jornal, a quem o texto quer mobilizar. No nível discursivo, destacaram-se as várias leituras suscitadas pelo dialogismo presentes nas formações ideológicas materializadas no texto, tais como: formações discursivas filosóficas, ideológicas, educacionais, profissionais, midiáticas e, principalmente, a leitura relacionada aos valores sociais atuais. O estudo da temporalização e da espacialização nos permitiu perceber que o enunciador cria um simulacro objetivo, porém os detalhes e a familiaridade com o espaço evidenciam a subjetividade.

No exame do interdiscurso, evidenciou-se uma contraposição, ou seja, o texto descreve em minúcias a falta de ética instalado em diversos setores para pregar seu

avesso, o seu Outro. O enunciador chama atenção para a importância dos valores e desmascara a ética tida por ele como vagabunda.

A cena enunciativa revela uma cenografia na qual o *ethos* construído é aquele que parte da descrença, da apresentação de um estado caótico como forma de denúncia. O estilo que é contundente, enfático e repetitivo demonstra um caráter combativo, ou seja, constrói um *ethos* beligerante. O texto é a sua reação, é seu instrumento de luta, é seu estilo e seu modo de presença no mundo.

A análise congregadora proporcionou um resultado mais completo e profundo não só dos aspectos que aparecem no texto como também da importância da inserção desses num determinado momento sócio-histórico determinado por formações ideológicas materializadas. O destaque dado ao plano de expressão e sua relação com o plano de conteúdo otimizou a produção de sentidos e a configuração do *ethos* e como resultado do levantamento da estrutura amalgamada desses planos, constatou-se a partir do olhar para o plano de expressão uma intersecção entre os gêneros discursivos poesia e a crônica analisada. Ainda de forma tímida, a análise voltou o olhar para o aquém texto, ou seja, algumas considerações foram feitas a partir da semiótica tensiva.

Conclui-se desse modo que a produção de sentidos depende das relações estabelecidas e para o analista há grande importância em ampliar o olhar em busca de novas relações, nesse sentido o plano de expressão e o olhar aquém e além texto abrem mais janelas. Relações há sempre e em profusão e à medida que abriremos mais janelas, a luminosidade invadirá os sentidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. (org.) Ethos, cenografia, incorporação in *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu, Sírío Possenti São Paulo: Editora Contexto, s/d.
- BAKHTIN, M. VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, D.L.P. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 2002.
- BERTRAND, D. *Caminhos da Semiótica literária*. Tradução do grupo Casa. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- DISCINI, N. *O Estilo nos Textos*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C. *Tensão e Significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beididas. São Paulo: Discurso Editorial : Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Análise dos Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2001.
- LOPES, I.C. Extensidade, intensidade e valorações em alguns poemas de Antonio Cícero. In Lopes e Hernandes (orgs) *Semiótica objetos e práticas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- LOPES, I.C. e HERNANDES, N. (orgs) *Semiótica objetos e práticas*. São Paulo: Editora Contexto:2005.
- PIETROFORTE, A.V. *Semiótica Visual*. São Paulo: Contexto, 2004.
- TATIT, L. *Análise Semiótica Através das Letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

## ANEXO

E 10 terça-feira, 21 de março de 2006 ILUSTRADA FOLHA DE S. PAULO

FERNANDO BONASSI

### Aquilo que a ética pode ser



**H**á muitos pensando que ética é um mito caquético, escrito em grego arcaico e cuja obscura imanência nunca se tivesse traduzido em transparência para acabar com a indecência exemplar da permanência milenar de nosso atraso. O caso é que os kantianos encantados podem especular e se enrolar com seus conceitos platônicos e pensamentos românticos, mas ética é coisa em si e por si só deve ser idealizada.

A ética herdada pode ser trágica ou patética, mas não é uma comédia que se encena para arquibancadas. É peripatética, mas não fica divagando em círculos. Ela justamente pede que se dêem as mãos onde a carência de sentido de direção, ou malandragem de ocasião, quer o pulso, o braço e o coração.

Claro que às vezes a ética é ridícula, mais parecendo um negócio de circo, feito entre palhaços sem graça que agem pela desgraça do picadello para receberem dinheiro de seguro contra incêndio...

Há uma ética para banuídos, que é tática, e outra para machos, que é estratégica. A ética autoritária de certos oficiais graduados pode ser um péssimo exemplo para os soldados subordinados, derrubando avóes lotados com ilusões de estrelas em céus de brigadário.

A ética deveria entender por inteiro as devastadoras consequências das ausências dos seus atos, mas o fato é que ética tornou-se hierárquica sem que a mais reles moral fosse...

Ética não se pendura no pescoço, como uma medalha reluzente. A ética está por dentro e costuma marcar justamente onde é mais chamada a estar presente.

A ética pode ser ideológica, mas a ideologia não é ética necessariamente, o que deixa uns vermelhos descontentes e de sorrisos amarelados com as próprias aventuras nas legislaturas partidárias.

A ética pode ser patriótica, mas há circunstâncias históricas em que a ética se transforma, ou transorna, em política teórica. Porque na prática a ética é mesmo um fenômeno esquivo, que coexiste nos cidadãos de respeito e entre suspeitos que adquiriram cargos públicos, poderes lúdicos e imunidades únicas para atividades de privacidade. Assim a ética pode ser falada, fofocada ou retórica, emitida apenas da boca para fora e a ética pode ser tática, já que alguns a mantêm naquele lugar...

A ética é uma decisão protocolar. A indefinição elementar da ética pode ser uma dívida, jamais uma dívida, favor ou conveniência.

A leveza da ética não pesa na consciência.

Aliás, até os assassinos amorais e abutres mais selvagens têm as suas ordens especiais ao se aproximarem das vítimas para explorar suas carniças. Deuses, diabos, duendes e profetas, mesmo coisas que não existem têm lá uma certa ética na sua estética proselitista de desconforto espiritual.

A ética não é uma maquiagem superficial, não é protética nem dietética, ainda que certos excessos gastronômicos, econômicos ou puramente megalômanos.

Acontece que os valores estão mais para bolsas de apostas e bolso dos contraventores do que para a previdência dos investidores em carteira...

A ética de um diplomata pode estar guardada na sua mala intracada ou ser regada a úique barato, comprado com descontos camaradas nas tendas e temporais de empresários contrabandistas.

A ética profissional deve ser fria e calculista, podendo ser metálica ao se tornar crítica a dose da elite cleptomaniaca. É essa moléstia que faz da ética um negócio falido para a prosperidade dos masoquistas de fachada e um negócio fechado para os inquiridos acorados entre advogados criminalistas e juristas arrrivistas. Porque embora a ética não se veja, não quer dizer que seja cega e surda como a gente louca com os direitos que não tem.

Não se iludam leitores desta edição: a ética pode ser um papel passado em cartório ou usado no mictório da redação. É que a ética de um jornal estaria na editorial, mas frequentemente se confunde

mal com a propaganda de anúncios espetaculares.

A ética deve e se sentar nos bancos escolares e não mudar de posição, sejam físicos, materiais ou sexuais os desejos dos alunos e outras vítimas a questão. A ética é aritmética, pois onde subtrai da indiferença os vetores da divisão, o resultado é multiplicado pela soma dos fatores de satisfação.

A ética só existe na cabeça das pessoas, mas faz uns estoivarem os miolos em desespero e põem outros ajôbados de sobreaviso, preocupados e tensos com o sigilo malefêroso dos seus rabos e intestinos presos. A ética pode ser a negociação da razão invocada pela violência dos que negociam e negociam melhor com a pior situação.

Falta de ética teria a ver com punição, mas são tantos masosquistas e perigos pelas instâncias que ninguém conhece a desimportância que merece ou, quando alguém percebe, é tão pouco que se esquece, pois sequer dá pra matar a sede de virgínia cuja memória não é de hoje.

Aliás, o que a maioria recebe é mesmo uma ironia perto do prejuízo tão grande que uma minoria tão pequena causa às causas do desenvolvimento...

Em tempo: ética que precisa de conselho não se dá de graça; é valiosa.

## Como citar este artigo:

CASCELLI, Isabel Gueselha de Almeida. A intersecção de gêneros discursivos na crônica de Fernando Bonassi. *Estudos Semióticos*, Número 3, São Paulo, 2007. Disponível em <[www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es)>. Acesso em "dia/mês/ano".